

Gisele quer salvar água do Xingu

Top brasileira empresta sua imagem pela defesa da bacia amazônica

Lilian Pacce
ESPECIAL PARA O ESTADO

Dois anos depois de sua primeira viagem à Amazônia, onde esteve de férias com o então namorado, o ator Leonardo DiCaprio, a gaúcha Gisele Bündchen voltou na semana passada à região e vestiu a camiseta da campanha Y Ikatu Xingu - Salve a Água Boa do Xingu. A top brasileira quer avisar ao mundo que as águas da bacia amazônica correm perigo. Como Gisele não é de emprestar sua beleza, seu nome e seu poder a qualquer causa, conclui-se que o caso é sério, como demonstram os mapas comparativos nesta página.

A campanha, realizada pelo Instituto Socioambiental (ISA), visa à recuperação e proteção das nascentes e das matas ciliares do Xingu, rio emblemático da biodiversidade brasileira. "Para recuperar o que já foi desmatado, seria necessário replantar, no mínimo, 300 mil hectares, o equivalente a 2.400 Parques do Ibirapuera", diz Carlos Alberto Ricardo, diretor do ISA.

Hoje vivem 14 povos indígenas diferentes dentro do Parque Nacional do Xingu. A campanha alerta para a degradação de todas as áreas onde nascem os rios que contribuem para fazer do Rio Xingu um dos maiores do País, com cerca de 2.700 km de extensão. As nascentes se distribuem em 35 municípios do Mato Grosso, todos fora do perímetro do parque, este sim preservado pelos índios, mas cercado pela destruição de matas e pela poluição das águas por todos os lados.

Esta é a primeira vez que Gisele abraça uma causa ambientalista e deve falar sobre o assunto durante o próximo Fashion Rio, onde desfila para a marca Colcci no dia 9. Amante da natureza, seu interesse real sobre os problemas com o meio ambiente surgiu depois de sua primeira visita ao Alto Xingu, na região da aldeia Yawalapiti. Agora Gisele esteve no Médio Xingu, na região dos índios Kisédjê, de cerca de 300 habitantes, para conhecer melhor a situação da água no local (informações também no site yikatuxingu.org.br). Na volta, embarcou direto para Nova York, de onde concedeu a seguinte entrevista exclusiva ao **Estado**.

Como foi a sua primeira viagem ao Xingu?

Estive lá dois anos atrás e pude perceber a situação difícil que os índios vêm enfrentando por causa da poluição e da destruição

dos arredores dos rios.

O que te levou a ir para lá?

Gosto muito da natureza e sempre tive curiosidade sobre o modo de vida dos índios e a relação deles com o meio ambiente.

Como foi sua estadia?

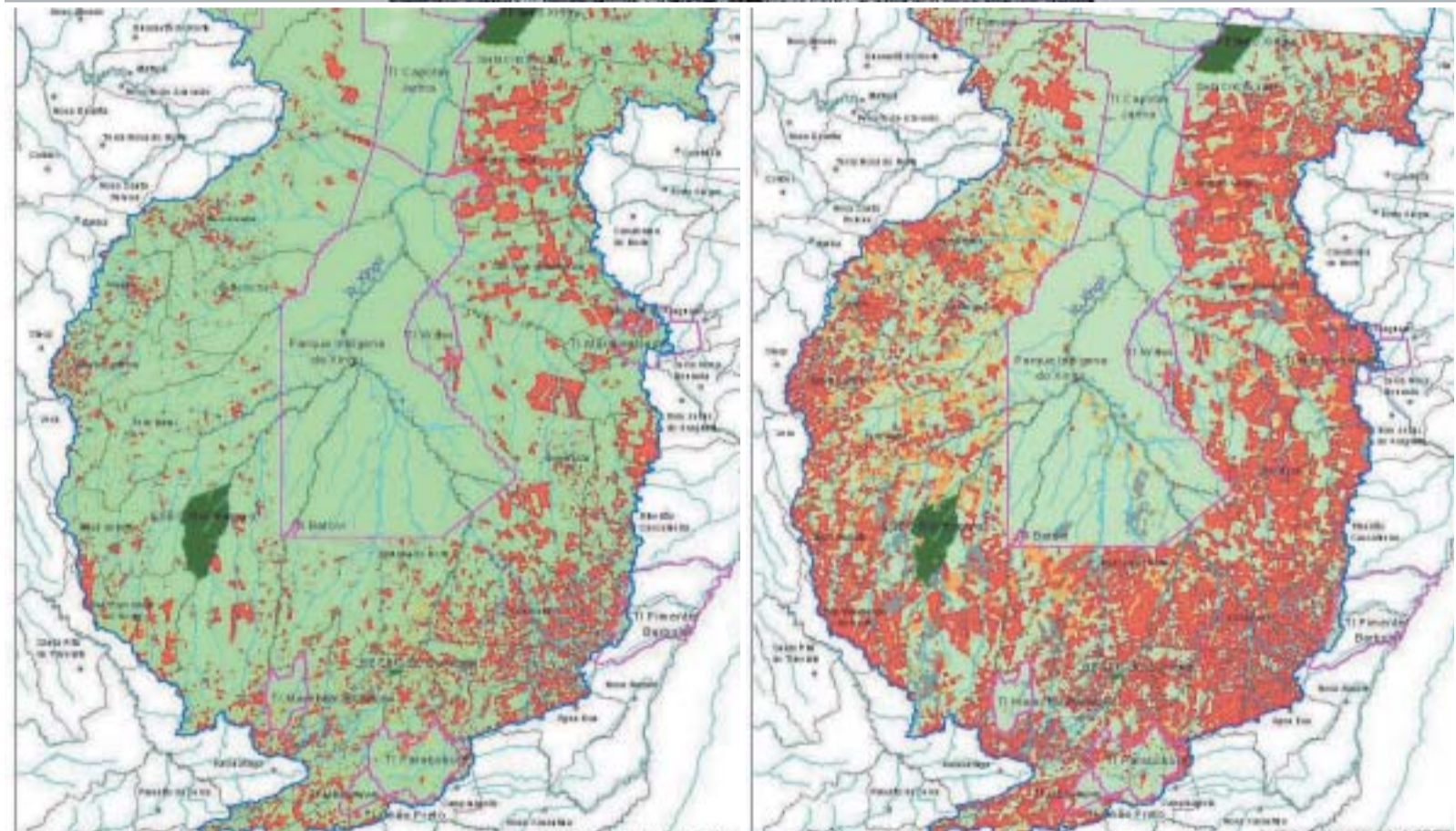
Foi mágica! É muito bom sentir a energia daquele povo. Dancei, comi, bebi e ajudei no preparo da comida dos índios. Foi uma experiência inesquecível! Conheci um pouco dos rituais e da cultura indígena e também dos problemas que eles enfrentam. Acho que a criação da reserva Parque do Xingu foi uma iniciativa brilhante tanto para a preservação dos povos indígenas que moram lá quanto para a proteção das florestas que, infelizmente, estão sendo destruídas em toda a região. O grande problema agora é a água, pois o rio é a fonte de vida para as pessoas, é de onde elas tiram sua bebida, sua comida, sua sobrevivência. Com o desmatamento nas cabeceiras, que dobrou nos últimos anos, e com muitas nascentes secando, o problema se acentuou. Essa questão tem afetado diretamente a vida dos povos indígenas e de mais de 250 mil habitantes da região e, indiretamente, afeta todos os habitantes do planeta. A água é fonte de vida e mais de 10% da água doce do mundo está no Brasil, mas estamos tratando essa riqueza como esgoto e isso é muito triste.

Por que você está apoiando a campanha Y Ikatu Xingu?

Acho que todo mundo tem de se preocupar com a questão das águas para que o planeta sobreviva e nossos descendentes possam ter um futuro decente... O mundo vem sofrendo reações muito fortes da natureza e isso é um sinal de que temos de tomar uma atitude. Já! Se a gente continuar só abusando dos recursos naturais, sem a preocupação de preservá-los, vamos acabar nos destruindo. Y Ikatu Xingu significa "água boa, água limpa" na língua kamayurá. A campanha é uma iniciativa do ISA e visa à proteção e recuperação das nascentes e matas ciliares ao redor do rio.

Em quais campanhas você já se envolveu, ambientalistas ou não?

Apóio há alguns anos instituições diferentes, mas poucas vezes me envolvi diretamente com uma campanha. Por motivos pessoais, participei da campanha do câncer de mama. Acho importante se envolver quando você realmente acredita



ALERTA - Gisele com a camiseta da campanha Y Ikatu Xingu - Salve a Água Boa do Xingu e mapas comparativos da situação do desmatamento nas cabeceiras do Rio Xingu, em 1994 e em 2005: "Problema afeta diretamente os índios e, indiretamente, toda a humanidade", diz ela

na essência do projeto e acredito que a água é um bem importante para a humanidade.

Como vai ser sua participação?

Minha participação é na fase inicial, tentando chamar a atenção das pessoas para a impor-

tância deste assunto. Quero dar a minha contribuição para conscientizar a população. Vou fazer isso vestindo a camiseta e falando sobre o problema das águas. Há inúmeras questões do meio ambiente com as quais a gente deve se

preocupar, mas acredito que a questão das águas é fundamental. É inestimável a importância da Amazônia. Temos de nos conscientizar sobre o valor desta floresta que tem a maior diversidade de fauna e flora do mundo, e começar a trabalhar

seriamente para a sua preservação. Não podemos viver sem água, e é no Brasil, como eu já disse, que está a maior concentração de água doce do mundo, mais de 10% das reservas do Planeta. Temos de cuidar desse bem precioso! ●

Teatro Estréia:

Viagem à Minas de Guimarães Rosa faz escala no Bexiga

A Casa, escrita e dirigida por Rudifran Pompeu, é encenada em imóvel tombado onde funciona a Escola Paulista de Restauo

Livia Deodato

Um casarão na Bela Vista, construído em 1912, será palco da viagem pelas lembranças de um homem. Histórias de raiva, amor, tristeza e trulência serão contadas - e encenadas - à medida que se entra na casa. E todo esse universo que passaremos a conhecer terá um "cheiro de Guimarães Rosa". Estréia hoje o espetáculo *A Casa*, escrito e dirigido por Rudifran Pompeu, que está à frente do Grupo Redimundo. No imóvel, que abrirá as portas para a apresentação da peça até 31 de agosto, funciona desde novembro a Escola Paulista de Restauo, que vem contribuir para a preservação de patrimônios históricos, arquitetônicos, urbanos e am-

bientais. "O uso da casa para apresentar uma peça vem ao encontro de nossa proposta de ocupação. Isso também é preservar", diz o restaurador da casa e diretor da Cia. de Restauo, Francisco Zorzete.

O projeto tomou essa forma recentemente. No início do ano passado, Rudifran e o grupo queriam aprofundar seus estudos nas obras e vida de Guimarães Rosa. Com muita luta e pouco dinheiro, conseguiram ir até Cordisburgo, sertão de Minas Gerais, cidade natal do escritor cuja obra *Grande Sertão: Veredas* completa 50 anos em 2006. "Lá conversamos com diversas pessoas. Trouxemos um punhado de terra, além de vários objetos", conta Pompeu. Tudo o que conseguiram está



1912 - À espera de restauração

exposto na sala onde se espera o início do espetáculo. Fotos de Cordisburgo também estão nas paredes. "Tiramos mais de 300,

mas ali só coube meia dúzia."

No meio disso tudo estão objetos pessoais das famílias que moraram na casa, hoje tombada, no coração do Bexiga. Há pilhas de livros; um diploma de direito da USP reconhecido e assinado por Francisco Morato; um diário todo florido; cartas de suspensão de colégio e outras tantas com mensagens pessoais. "O último herdeiro concedeu, por dez anos, a casa à OSCP (*Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público*), que trabalha em conjunto com a Cia. de Restauo", conta Zorzete. Durante esse tempo, eles pretendem obter patrocínio para a restauração do imóvel e de outros patrimônios da região. "Queremos também formar, educar e

conscientizar interessados na arte do restauo, oferecendo cursos para pintores, carpinteiros, eletricitas, arquitetos e engenheiros." Os interessados podem entrar em contato pelo tel. 3326-2700, ramal 102.

MÁGICAS

O espetáculo inclui números de mágicas dignas de grandes produções. Sob a influência do autor e diretor Rudifran Pompeu, que trabalha profissionalmente com o universo ilusório há pelo menos dez anos, o grupo Redimundo apresentará o número "A Bengala Voadora" e, assim que conseguirem recursos com a venda de ingressos, será incluído um número no qual um personagem desaparece a apenas dois metros de distância da

platéia. "Precisamos arrecadar R\$ 2 mil para poder mostrar esse número até o fim da nossa temporada", diz Pompeu.

A idéia de inserir mágicas na peça é justamente para apresentar o universo também um pouco fantástico "dos causos" sertanejos, além de frisar a pes-sima condição em que se encontram os artistas brasileiros. Para quem já conhece parte das obras rosianas vai ser fácil identificar alguns detalhes que foram pinçados de contos como *O Palhaço do Nariz Verde* ou outros do *Sagarana*.

Quem ficou curioso para ver (e conhecer) *A Casa* é melhor já garantir o seu ingresso. Apenas 20 lugares por apresentação estão disponíveis para a viagem pelo sertão mineiro. ●